

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

GABRIEL BRUM BONSANTO

**O FUTEBOL ESPANHOL DURANTE A DITADURA FRANQUISTA (1936-1975): O SEGMENTO DE
UMA SOCIEDADE NO ESPORTE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: João Assis Dulci

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Gabriel Brum Bonsanto**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202272120A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **O FUTEBOL ESPANHOL DURANTE A DITADURA FRANQUISTA (1936-1975): O SEGMENTO DE UMA SOCIEDADE NO ESPORTE**, desenvolvido durante o período de Dezembro de 2023 a Janeiro de 2024 sob a orientação de João Assis Dulci, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O FUTEBOL ESPANHOL DURANTE A DITADURA FRANQUISTA (1936-1975): O SEGMENTO DE UMA SOCIEDADE NO ESPORTE

Gabriel Brum Bonsanto¹

RESUMO

O artigo elabora o desenvolvimento do Franquismo e o relaciona com o futebol espanhol, demonstrando como um governo autoritário pode se relacionar de forma direta e/ou indireta com diversas instituições futebolísticas, e como isso afeta uma sociedade por inteiro.

PALAVRAS-CHAVE: Franquismo, Futebol, Barcelona, Real Madrid, Fascismo.

INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre "Futebol e política não se misturam", ou então "Partido político é igual time de futebol, cada um tem o seu e ponto", entre outras inúmeras frases que sempre deixam a política dentro de uma caixinha separada dos demais temas, sejam culturais, econômicos, esportivos, mas fato é que, o futebol nada mais é do que um segmento da sociedade. Em primeira instância pode transparecer que é uma constatação simples, porém existem diversas características que diversificam e enriquecem milhões de sociedades em todo o mundo.

O recorte temporal deste trabalho será o período da Ditadura Franquista na Espanha, no qual pretendo destrinchar as inúmeras ocasiões que o governo autoritário de Francisco Franco interferiu em grandes instituições futebolísticas como o FC Barcelona e Real Madrid. A linha de aprofundamento do texto será embasada em estudos de historiadores e teóricos que tiveram o regime franquista como objeto de pesquisa, e em seguida relacionar a conexão de instituições futebolísticas espanholas com o franquismo.

A professora Tereza Gonzáles Aja se expressa nesses termos: (...) [o futebol] formaba parte del tejido social y político de la dictadura (...) su impacto en la vida diaria durante el franquismo está a la vista de todos. El fútbol dominaba casi completamente la vida deportiva del español medio, llegando a denominarse „el deporte Rey” (AJA, 2002, p. 192).

No ano de 1941 a Falange toma o poder da Delegação Nacional de Deportes (DND), que passa a questionar o tradicional "rojo" do uniforme espanhol apoiando em contrapartida a cor azul e tornando obrigatória a saudação fascista por parte dos desportistas. A DND torna a entidade esportiva nacional em um esquema piramidal, o que transforma todas as pequenas delegações nacionais subordinadas ao governo falangista, com destaque para o controle maior dos cargos de presidência e vice-presidência (Sant'anna,2012,p.7). Sendo assim, o núcleo desportivo futebolístico da Espanha ficou totalmente sob o controle do Governo Franquista, sendo utilizado para propagar ideais conservadores e transparecer uma falsa identidade de soberania nacional.

Os times abordados não representam a totalidade dos que se envolveram diretamente ou indiretamente com a Ditadura Franquista, mas é ressaltado diferentes posicionamentos, sendo eles de apoio, rejeição e neutralidade. A importância do assunto na atualidade se deve por diversos motivos, entre eles por

¹Gabriel Brum Bonsanto Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador:João Assis Dulci

conta da Espanha ser uma das principais potências futebolísticas do mundo, ao mesmo tempo que tangencia pautas sociais como o racismo que se encontra presente em determinadas ações de torcedores dos clubes espanhóis. O tema central que se encontra incorporado tanto no aspecto do futebol espanhol, quanto na abordagem do Regime Franquista, é a maneira como o futebol serve de um espelho da sociedade civil, onde as pessoas conseguem reforçar sua cultura em um ato coletivo repudiando uma ação autoritária, e em outras instâncias cometer atos de racismo e homofobia, ressaltando sempre os aspectos positivos e negativos de uma sociedade.

FRANQUISMO E SUA FORMAÇÃO

Na década de 1930 a Espanha vivia uma grande crise econômica devido a Primeira Guerra Mundial e as massas de trabalhadores estavam revoltadas por conta das reivindicações de seus direitos. Com a junção de anarquistas, comunistas, sindicalistas, entre outros setores da esquerda, a frente popular obteve seu primeiro resultado: a substituição da Monarquia pela Segunda República Espanhola em 1931, onde algumas reformas como a agrária, passaram a estar em pauta. A Esquerda considerou este ato muito mais do que uma vitória eleitoral, e sim um verdadeiro produto de luta de classes, tendo em vista a ascensão do Partido Republicano e a onda de protestos e manifestações que mobilizaram milhões de pessoas (BEZERRA, Juliana)

Com o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) no poder, liderado por Manuel Azaña, foi possível analisar que seus primeiros atos não buscavam uma ruptura total com a velha política, e sim alguns projetos reformistas, a ponto de que a saída de Alfonso XIII e sua família do país foi facilitada pelo atual governo, ignorando o fato de que o antigo Rei deveria pagar pelos seus crimes de reinado (Lupe,2023). Após altos e baixos nesse período, ocorreram as eleições de 1936 entre a frente da esquerda contra a Falange, que era apoiada na época por latifundiários, classe média, militares, Igreja, entre outros setores conservadores. O resultado favoreceu a Frente Popular, o que não agradou nada a oposição liderada pelo general Francisco Franco, que de forma antidemocrática instaurou uma Guerra Civil que durou até 1939. Nesse meio tempo, o que viria a ser o Franquismo, começou a se desenvolver no meio jurídico como em 18 de maio de 1938, no qual o Ministério da Justiça proíbe qualquer língua que não seja o castelhano no registro civil. No dia 1 de março de 1939, pouco tempo antes do fim da Guerra Civil, o Ministério da Educação impôs como material escolar “O catecismo patriótico espanhol de Ignacio Menéndez-Reigada”, um bispo popular no catolicismo espanhol. Quinze dias depois, em 16 de março de 1939 ocorre oficialmente a proibição dos idiomas nacionais que não o castelhano, e em seguida, Franco vence a Guerra Civil no dia 1 de abril de 1939, e instaura por completo sua ditadura (Oliveira,2014). A periodização a seguir destrincha as épocas mais relevantes do desenvolvimento do movimento franquista, elucidando suas políticas internas e internacionais a fim de perdurar como uma potência nacionalista.

A primeira fase do franquismo (1939-1953) foi marcada por perseguições a opositores, onde em muitos casos os mesmos recebiam apoio do bloco soviético na tentativa de escapar da repressão ditatorial. A Espanha entrou em uma grande crise econômica por conta das guerras e do contexto internacional, e seus aspectos sociais, morais e políticos estavam devastados. Em 1939 durante a Segunda Guerra Mundial, Franco em primeira instância declarou que a Espanha permaneceria neutra devido a crise interna, porém, em seguida estabeleceu pactos com a Alemanha Nazista que já havia participado indiretamente na Guerra Civil espanhola. Em 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial, é criada a ONU (Organização das Nações Unidas) com o intuito de prevenir outras possíveis guerras catastróficas, mas a Espanha de Franco é excluída do bloco por conta de seus métodos fascistas e ditatoriais do franquismo.

A segunda fase da Espanha Franquista (1953-1959) no âmbito da Guerra Fria, se baseia na reaproximação com o bloco Ocidental por conta do anticomunismo. Sua relação com os Estados Unidos se desenvolve, e em 1953 ambos os países assinam o Tratado de Madri, onde a Espanha permite a instauração de bases militares dos EUA em seu território em troca de ajuda econômica. Franco insere tecnocratas na máquina estatal na tentativa de reerguer a economia nacional, e consegue seus primeiros tratados econômicos com embaixadores estrangeiros.

Na terceira fase (1959-1969) já se inicia o “plano de estabilização” com foco na industrialização do país criando renda para a classe trabalhadora e mobilizando uma classe média consumidora. Em contrapartida, as manifestações da oposição se solidificaram a ponto de haver greves enquanto os grupos

nacionalistas bascos e catalães reivindicavam sua autonomia. Mesmo com o posicionamento contrário de diversos países diante das ações do franquismo, ocorreu uma intensificação das repressões com a criação do Tribunal de Ordem Pública que tinha a função de perseguir ativistas que fossem contra o Regime. Em 1966 é aprovada a Lei de Imprensa, no qual o Governo se apodera dos meios de comunicação e regula as editoras.

A quarta e última fase (1969-1975) é marcada pelo aumento da força da oposição juntamente com a debilitação na saúde de Franco que em 1973 parou de exercer suas funções. Um ano depois eclode uma crise econômica e as greves e revoltas dos trabalhadores ganham ainda mais força. Com uma alta agitação social, a ETA e a FRAP, organizações que se contrapunham à ditadura franquista, efetuaram fortes ataques ao governo o enfraquecendo ainda mais. Em outubro de 1975, Franco nomeia Juan Carlos I como seu sucessor, e já em novembro do mesmo ano falece, gerando assim o primeiro passo para o início da redemocratização na Espanha (Kiss, Teresa, 2023).

Até os dias atuais o governo espanhol não permite total acesso aos dados do regime franquista à historiadores e pesquisadores, então muitas das vezes ocorre uma cortina de fumaça em relação a esse passado sangrento na história da Espanha. Porém, existem registros de perseguições contra ateus e pessoas que se recusaram a participar de liturgias religiosas, estendendo-se ao ambiente escolar, onde crianças de culturas diferentes eram ridicularizadas e desmoralizadas a fim de se adequarem à boa e velha tradição espanhola.

Toda uma fábula foi criada em torno da pureza da língua castelhana, no qual os meios de comunicação, por exemplo, se limitaram a utilizar somente o espanhol, além da “negação” da pluralidade linguística que existia no território nacional. O Galego, um dos vários segmentos linguísticos na Espanha, era ridicularizado em anedotas humorísticas e programas de humor, reafirmando que a mesma não era uma língua oficial, e sim inferior. Em suma, o governo franquista agregava as maiores características do Fascismo, partindo de um anticomunismo para o autoritarismo e unipartidarismo, se tangenciando por um ultra catolicismo com censura e repressão militarista.

ATLÉTICO DE MADRID: O CLUB AVIACIÓN DE MADRID

Na década de 30, Atlético de Madrid, Athletic Bilbao, e Barcelona eram as principais forças futebolísticas na Espanha, sendo o Atlético o primeiro “time da ditadura” usado por Franco, entrando em contraste com as raízes de classe operária do clube, o qual o próprio nome “Colchoneros” que é utilizado ao se referir à torcida do time, faz referência à semelhança do uniforme *rojiblanco* com os colchões de caráter popular que eram muito utilizados na época. O emparelhamento da equipe com o Regime franquista foi marcado pela junção do Club Aviación, que era um time da Aeronáutica comandado por Franco, com o Atlético de Madrid em 1939, o salvando da falência na época e se transformando em Club Aviación de Madrid, que em pouco tempo conquistou as Ligas Nacionais de 1940 e 1941.

Mesmo não sendo a primeira opção do franquismo, o Atlético manteve uma relação de conveniência com o governo durante boa parte da década de 40. Em 1947 ocorreu a dissolução entre o Atlético de Madrid e o Club Aviación, mas as marcas de uma aliança com Franco permanecem enraizadas na história do clube. Com o fim do franquismo, as políticas na Espanha buscaram reforçar as identidades locais das equipes espanholas, o que favoreceu o Atlético a se aproximar ainda mais das classes trabalhadoras, retomando uma transição de caráter de luta e resistência, a ponto de ser considerado o “clube do povo”.

O PEQUENO GIGANTE: RAYO VALLECANO

O Rayo Vallecano, clube de futebol de Madrid, não teve uma relação direta de apoio ou associação ao regime franquista, como aconteceu com algumas outras instituições esportivas da época. No entanto, o contexto histórico e social do clube está fortemente ligado às condições políticas e econômicas que marcaram o período franquista na Espanha.

Fundado em 1924, o Rayo Vallecano é um clube marcado pelo vínculo com a classe trabalhadora, em especial ao bairro de Vallecas, um dos distritos mais humildes de Madrid. Por uma soma de fatores, o Rayo sempre foi símbolo de luta e resistência, o que contrastava diretamente com o regime franquista, que oprimiu demasiadamente as instituições de caráter periférico. Após o fim do franquismo, a torcida organizada

do Rayo sempre destacou o passado sangrento do regime franquista, e se opuseram a qualquer movimento de extrema direita.

Hoje, o Rayo Vallecano e sua torcida são conhecidos por uma identidade progressista e popular, conectada às lutas sociais e aos direitos da classe trabalhadora, uma postura que reflete o histórico do bairro e as dificuldades enfrentadas mediante o franquismo.

RACING SANTANDER: SÉRGIO MANZANERA E AITOR AGUIRRE

Os futebolistas Sergio Manzanera e Aitor Aguirre decidiram protestar contra uma série de execuções a pessoas ligadas aos movimentos anti-regime no ano de 1975 a partir do Decreto-Lei Antiterrorista (Decreto-Lei 10/1975). Sergio e Aitor ficaram sabendo do acontecimento e no dia seguinte tinham um jogo contra o Elche, e então entraram em campo com uma braçadeira emendada de cadarços pretos como uma forma de protesto silencioso. Esse ato gerou enorme tumulto na partida, pois apenas os dois jogadores estavam com a tal braçadeira. No intervalo da partida, foram obrigados a tirar ou saíam do estádio presos. O Racing saiu vitorioso por 2x1 com dois gols de Aitor.

Ambos os jogadores tiveram que se apresentar em audiências para justificarem o ato, e contaram com um certo apoio do presidente do Racing na época, José Manuel López. Apesar de serem penalizados com uma multa de 100 mil pesetas e serem ameaçados de morte durante anos pela extrema direita, Aitor e Sergio ficaram marcados na história do futebol por uma rebelião silenciosa no mundo futebolístico (Peinado,2020, p.49)

A RESISTÊNCIA BASCA: ATHLETIC BILBAO E REAL SOCIEDAD

A Real Sociedad e o Athletic Bilbao também tiveram sua importância nesse período, destacando dois grandes jogadores: Josean de la Hoz Uranga e José Ángel Iribar. La Hoz jogou pela Real entre 1972 e 1978 e era apelidado por seus companheiros de “*Tróski*” por conta de seu encantamento pelo revolucionário e seus ideais. Nas ruas, lutava vigorosamente pela liberdade dos políticos bascos que foram presos e exilados pelo franquismo. Por conta de sua atuação pública, foi detido pela polícia e levado à sede do Governo Civil, onde foi espancado. Após o ocorrido o mesmo se recorda de que na época ocorreram boatos de que os policiais se gabaram por terem agredido um jogador profissional.

Enquanto no Athletic, José Ángel mais conhecido como “El Chopo” foi goleiro e capitão do Bilbao por dezoito temporadas, e vencedor da Eurocopa com a Espanha em 1964. Sua história com a seleção se encerrou em 1978, quando participou da primeira Mesa Nacional da coalizão Herri Batasuna, na qual foi discutida e requerida a libertação de 150 políticos bascos que haviam sido presos injustamente. A seleção parou de convocá-lo sem um motivo claro. José Ángel se afastou da linha de frente no campo político, mas continuou vinculado à esquerda *abertzale* com os princípios da independência basca.

Houve um encontro entre La Hoz e El Chopo no ano de 1976 que ficou marcado na história, no qual o encontro entre Real Sociedad X Athletic Bilbao no Estádio de Atotxa exibiu ao mundo à presença das duas equipes segurando a *ikurrriña*, bandeira proibida pelo franquismo que representava a liberdade e independência da população basca. Anos se passaram e o Estatuto de Autonomia de 1979 a reconheceu como bandeira oficial da Comunidade Autônoma do País Basco (Royo,2020.)

A relação entre o regime franquista e os clubes bascos, como o Athletic Bilbao e a Real Sociedad, foi marcada por tensões e repressão cultural, dado que a ditadura de Franco teve um impacto profundo nas identidades regionais e, particularmente, no País Basco. A política centralizadora do regime visava erradicar as expressões culturais e linguísticas que representassem qualquer ameaça à unidade da Espanha, incluindo o uso das línguas basca e catalã e os símbolos regionais.

As diversas culturas regionais na Espanha franquista sofreram alta repressão, e a utilização da língua basca é um grande exemplo, a ponto de que o nome Athletic Bilbao precisou ser mudado para “Atlético Bilbao” entre 1941 e 1972. A tradição do Athletic de utilizar apenas jogadores bascos, com a política de “*cantera*” (base local), foi vista por muitos como um símbolo de resistência cultural ao franquismo. Mesmo a Real Sociedad sendo mais flexível no quesito de adaptação de jogadores estrangeiros, ambas as equipes

eram fortemente monitoradas pelo franquismo por conta da forte identidade nacionalista da região e ao histórico de resistência política do País Basco.

A GARGALHADA DE PAHIÑO

Menção honrosa à Manuel Fernandez Fernandez, conhecido como Pahiño, que foi um grande jogador que passou por equipes como Real Madrid, Celta de Vigo, Deportivo de La Coruña e Granada. Pahiño, conhecido por ser um grande leitor de Dostoiévski, já disse abertamente ser contra qualquer tipo de ditadura, e era conhecido por “ser de esquerda”, a ponto de não ser convocado para a Copa de 1950, no Brasil, por conta disso. Um dos fatos mais marcantes na vida de Pahiño, foi no dia 20 de junho de 1948 em um jogo pela Seleção Espanhola, em Zurique. Era um amistoso contra a Suíça, no Estádio Hardturm, quando um militar franquista entrou no vestiário e o pediu diretamente “colhões e espanholismo”, e em resposta, Pahiño riu em um tom de zombaria. Ele marcou o último gol de um empate que terminou em 3x3. Acreditam que o som de sua gargalhada ressoou mais do que o grito de gol nos ouvidos da oposição franquista (Peinado, 2017, p.259)

O BARCELONA E A CATALUNHA NO FRANQUISMO

“Quando falar catalão foi proibido na época franquista, e nosso idioma era perseguido, o Camp Nou era um lugar onde era possível se expressar com liberdade” (Guardiola, Josep, O caso Figo, a transferência que Mudou o Futebol).

As contradições entre o Barcelona e o Franquismo dentro das quatro linhas tiveram início na Semifinal da Copa Generalíssimo de 1943 em um jogo fisicamente duro contra o Real Madrid no estádio Les Corts, com uma vitória por 3x0 do Barça no jogo de ida. Já no jogo de volta, existem relatos de que um General de Franco “visitou” o vestiário do time blaugrana. O resultado disso foi uma equipe apática em campo, que tomou 8 gols apenas no primeiro tempo, sendo o placar final um histórico e controverso 11x1 para o time de Madrid (Neto, 2019).

Anos depois ocorre o “Caso Di Stéfano”, no qual relatos de jornalistas apontam a interferência de Franco na transferência de Di Stéfano para o Real Madrid, sendo que o mesmo havia se acertado com o Barcelona:

“O caso Di Stefano foi, parafraseando Carles Santacana, “um novo incidente esportivo que reacendeu a rivalidade com o Real Madrid nas esferas sociopolítica e esportiva”. O historiador termina concluindo com a ideia de que “essa operação reforçou ainda mais a sensação de que o Real Madrid estava se tornando o rosto futebolístico do regime franquista”. Por outro lado, o jornalista menciona a pressão que os dirigentes do Futbol Club Barcelona estavam sofrendo de membros do alto escalão do regime e a disposição legal aprovada pela “Delegación Nacional de Deportes” que proibia novas incorporações de jogadores estrangeiros ao futebol espanhol. Uma disposição legal que, muitos anos depois, foi trazida à tona, com documentos oficiais, pelos jornalistas Xavier G. Luque, Jordi Finestres e Sid Lowe no jornal “La Vanguardia”. Nessa informação, publicada em 25 de fevereiro de 2013, é publicada, por um lado, a carta que Sancho Dávila, presidente da federação, enviou ao General Moscardó para explicar quem estava certo no caso e o telegrama enviado pelo General Moscardó a Raimundo Fernández, ministro secretário-geral do Movimento, para fechar as fronteiras aos estrangeiros. Luque e Finestres entram em detalhes da operação, nesse caso até os pontos extremos, descrevendo dia a dia a atividade do clube, dos jogadores e das negociações, pois esses são aspectos básicos para poder tirar conclusões.” (Moles, 2013, p.12)

Em 1974 o Barcelona goleia o Real Madrid por 5x0 em pleno Santiago Bernabeu, uma vitória que vai muito além das quatro linhas, levando em consideração o aspecto sociopolítico da época. As ruas na Espanha foram infestadas pelos culés, que foram duramente reprimidos pelas tropas de Franco. Para o professor do Departamento de História de Barcelona Carlos Santacana, esse foi um momento marcante por

ser um golpe da Catalunha contra um regime que já estava em declínio. Em 1975, existe um grande crescimento na atmosfera catalã, onde as massas sociais blaugranas e o Barcelona estavam em uma grande sintonia já que a ditadura franquista que assombrava a Espanha há quase 40 anos parecia estar chegando ao fim. Após a morte de Franco, os clássicos no Camp Nou ficaram infestados de bandeiras da Catalunha, além de que, o sistema de som do estádio reiterou as manifestações em prol dos presos políticos durante o regime franquista.

"Carles Santacana fala sobre esse expurgo que mudou o clube de cima para baixo e da esquerda para a direita de uma forma muito clara e precisa. O PhD em história contemporânea apresenta a tese principal de que o Estado franquista, por meio desses expurgos, assumiu o controle da instituição, além de impregná-la com os valores que eram sua bandeira. Esse expurgo, que o autor apresenta sob a forma de uma mudança radical, é o início da dependência do clube em relação às estruturas franquistas. Carles Santacana não se limita a mencionar essa mudança como algo curioso e anedótico, mas se concentra nesse momento e lhe dá grande importância, pois ele marcaria o clube nos anos e décadas seguintes. Mudanças como, por exemplo, o nome do clube, ou seja, passou de Futbol Club, um nome "estrangeiro", para Club de Fútbol, um nome muito mais "espanhol", ou no escudo com a substituição das quatro listras que representavam a Catalunha por apenas duas listras, uma fórmula muito mais nacional e espanhola. Esses dois exemplos de purificação que Santacana apresenta em sua obra nos permitem imaginar a extensão da purificação no "Can Barça". "Dessa forma, portanto, com essa espécie de ato de exorcismo, os franquistas acreditavam ter eliminado do estádio blaugrana todos os maus hábitos do catalanismo que haviam sido instalados ali de forma tão maliciosa durante anos" (Moles, 2012. p. 15)

REAL MADRID, O ESCUDO DO FRANQUISMO?

"Em uma história de luta contra o fascismo e autoritarismo, a certeza nesta guerra de narrativas é que os lados envolvidos foram tanto beneficiados quanto feridos. O Barcelona teve um de seus presidentes morto durante o período da Guerra Civil Espanhola, que pôs Franco no poder nos anos 1930. Josep Sunyol é lembrado até hoje como um mártir na Catalunha. Mas o Madrid também tem o seu exemplo institucional: Rafael Sánchez Guerra foi perseguido pelo franquismo inúmeras vezes, preso em mais de uma oportunidade até conseguir, enfim, fugir para o exílio na década de 1940. Entre beneficiados e vítimas, o que fica claro é que não há um lado absolutamente bonzinho nem outro completamente malvado em relação aos clubes de futebol. De qualquer forma, o episódio recente marca uma das maiores brigas no grande confronto de narrativas que é um Real Madrid x Barcelona." (Ambrosio, 2023).

Considerar o Real Madrid como o time do regime pode ser errôneo, já que sua fundação se baseava em conceitos republicanos e populares. Fato é que Franco utilizou a imagem do Real Madrid na tentativa de importar uma imagem da Espanha unificada e estruturada, em uma visão nacionalista e centralizadora. Times como Athletic Bilbao e Barcelona possuem raízes culturais que sempre moldaram a personificação dos times, enquanto o Real nunca possuiu essa conexão por se situar na capital da Espanha. Com isso, enquanto grandes times se agarravam a seus escudos regionais, como o catalão e basco, repelindo mesmo que de forma indireta o franquismo, o Real foi a oportunidade perfeita na visão de Franco para a união entre um time que representa o povo espanhol de maneira geral, e o Regime franquista.

Quando Franco assumiu o poder em 1939 e instituiu o regime franquista, o Real Madrid readotou a coroa que havia sido substituída na Segunda República Espanhola, e a cor roxa foi substituída por azul, já que o regime tinha uma visão unificada e centralizadora da Espanha. A figura da coroa representava uma aliança com os valores tradicionais nacionalistas que Franco visava promover. Essas mudanças refletem como o escudo do Real Madrid foi adaptado ao contexto político da época, e essa versão permaneceu durante o regime franquista. Somente após a morte de Franco e a transição para a democracia, a equipe modernizou o emblema, mantendo o design tradicional que é conhecido atualmente.

O Real Madrid foi uma ferramenta muito utilizada por Franco no aspecto internacional, considerado como o "milagre espanhol" associado ao 'sucesso' do país em meio ao isolamento diplomático. Santiago Bernabéu, ex militar das tropas de Franco e um dos maiores símbolos do Real, assumiu a presidência do

clube entre 1943 e 1978, e foi peça fundamental para o alinhamento do clube com os interesses de Franco, onde nesse período ocorreu a construção do Estádio Santiago Bernabéu com dinheiro público, a contratação do craque Di Stéfano, e uma notoriedade mundial com uma identidade monárquica e de respeito às autoridades. Apesar da forte ligação com o Regime, o então presidente Santiago Bernabéu demonstrava pulso firme contra a intervenção de Falangistas na direção do clube, e se distanciando de um possível entrelaçamento com o Atlético Aviación, demonstrando um certo grau de autonomia e independência ao Franquismo.

Durante a Ditadura franquista, o Real conquistou:

- 14 La Ligas (1953-54, 1954-55, 1956-57, 1957-58, 1960-61, 1961-62, 1962-63, 1963-64, 1964-65, 1966-67, 1967-68, 1968-69, 1971-72, e 1974-75.);
- 6 Copas Del Generalísimo (1945-46, 1946-47, 1961-62, 1969-70, 1973-74, e 1974-75.);
- 6 Liga dos Campeões (1955-56, 1956-57, 1957-58, 1958-59, 1959-60, e 1965-66.);
- 1 Copa Intercontinental (1960);
- 2 Copas Latinas (1955 e 1957).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje é bastante discutido o impacto que o Franquismo teve no futebol espanhol, sendo que em 2023, o atual presidente do Barcelona Joan Laporta atacou o Real Madrid pelas redes sociais:

“Gostaria de destacar o caso de um clube, o Real Madrid. Um clube historicamente favorecido, o clube do regime. Quero lembrar a vocês que em 70 anos de história, a maioria das pessoas que escolheram juízes foram diretores, membros ou jogadores do Real Madrid. Às vezes, tudo ao mesmo tempo. O Real Madrid se dizer vítima de corrupção esportiva é um ato de cinismo máximo. Depois do período de maior sucesso da história do Barcelona. Não há coincidências, há uma campanha para nos desestabilizar”.

E em seguida, o Real respondeu por meio de um vídeo dizendo:

“Qual foi a equipe do regime? O Camp Nou foi inaugurado pelo ministro geral de Franco, José Solís Ruiz; O Barcelona outorgou a Insignia de Oro y Brillantes a Franco. O Barcelona nomeou Franco sócio de honra em 1965. O Barcelona condecorou Franco em três ocasiões. O Barcelona foi salvo três vezes de quebrar com três requalificações por Franco; O Barcelona ganhou oito ligas e nove copas com Franco. Com Franco, o Real Madrid levou 15 anos para ganhar a liga; O Real Madrid ficou desmantelado na guerra civil. Jogadores foram assassinados, detidos e exilados, como relata o documentário de Santiago Bernabéu (que deu nome ao estádio do Madrid). Quem é o clube do regime?”

Apesar da penetração do neoliberalismo no mercado esportivo que implicou jogadores e instituições que se voltam totalmente para o viés financeiro se afastando de pautas sociais, é indissolúvel a relação entre política e futebol, tendo em vista que as torcidas ainda carregam consigo as raízes culturais de seus clubes do coração.

Acompanhar a La Liga e perceber a agitação da torcida contra determinados clubes diz muito sobre o histórico de ocorrências que ajudaram a construir uma das ligas de futebol mais importantes do mundo. Quando nos aprofundamos no maior clássico do planeta Barcelona X Real Madrid e percebemos que existe uma rivalidade cultural extra campo que determina a vida das pessoas, enxergamos o verdadeiro valor do futebol. O que retrata perfeitamente a grandeza de um clube de futebol, indo além das diversas dimensões futebolísticas, é o slogan do Barcelona, que com pouco, diz muito: “Més que un club”.

REFERÊNCIAS

Ambrosio, Tauan. **Real Madrid, Barcelona e a ligação Franco: entenda a história**. GOAL, 2023. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/real-madrid-barcelona-ligacao-franco-entenda-historia/blt4ba1b7da678b1770>

Bezerra, Juliana. **Guerra Civil Espanhola**. Toda Matéria.

Calejja, Eduardo. **El Real Madrid, ¿"Equipo del Régimen"? Fútbol y política durante el Franquismo**. Departamento de Historia – Universidad Carlos III de Madrid, 2010.

Burns Marañón, J. **Barça: la pasión de un pueblo**. 1ª ed. Barcelona: Anagrama; 1999.

Kiss, Teresa. **Franquismo**. Enciclopédia Humanidades, 2023.

Lupe, Santiago. **14 de abril de 1931, o início da Revolução espanhola**. Esquerda Diário, 2023.

Mattar, Iugh; Muhl, Catharina. **História do Barcelona - Ditadura de Franco e sua ligação com a história da Catalunha**. YouTube, 5:33.

Mattar, Iugh; Muhl, Catharina. **REAL MADRID OU ATLÉTICO DE MADRID - QUAL FOI O TIME DA DITADURA DE FRANCO?**. YouTube, 8:37.

Moles, Alejandro. **El Barça i el franquisme**. Dipòsit Digital, Universitat de Barcelona, 2013. p.11-14.

Moradiellos, Enrique. **El franquismo**. Youtube, 12:50.

Neto, Álvaro. **11 a 1, empate bizarro e título na prorrogação: 5 Real x Barcelona inesquecíveis na história da Copa do Rei**. ESPN, 2019.

Nunes, Douglas. 2021. **Real Madrid foi o time da Ditadura Franco? Saiba como o franquismo ajudou o Real**. Youtube, 4:35.

Oliveira, Roberson. **Guerra Civil espanhola: Ditadura de Francisco Franco durou 36 anos**. UOL, 2014.

Peinado, Quique. **Futebol á esquerda**, Mundaréu, 2017. p,259-271.

Relaño, A. **Nacidos para incordiar**. 1ª ed. Madrid: Planeta; 2012.

Royo, Marian. **Historia de la ikurriña: el símbolo que representa a todos los vascos**. Noticias de Gipuzkoa, 2020.

Sant'anna, Luis Carlos. **O FUTEBOL NA ESPANHA FRANQUISTA (1936-1975): ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**. Recorde: Revista de História do Esporte. v.5 n.2 ,2012. p.7-9.